

# Educação vai mal

02 MAR 1994

É uma verdade absoluta: no Brasil, a educação está muito mal — nas metrópoles e nas cidades de porte médio ou pequenas. No Distrito Federal, alunos de escolas da rede pública de ensino começam o ano letivo sentados no chão. Faltam móveis e também falta merenda.

Isso acontece em Brasília, cujo projeto educacional tinha características inovadoras e modelares. Deturpado no correr dos anos, o DF vive os problemas agudos que afetam a educação em todo o território brasileiro.

As explicações aparecem em profusão: recursos minguados, salários magros e demanda crescente até por força do número de alunos que fogem dos estabelecimentos particulares — as mensalidades cada vez mais proibitivas para diversos segmentos populacionais — e batem às portas das escolas do governo.

São apenas explicações, sem o poder de justificar uma situação de descalabro

tanto no terreno material como no plano elevado da qualidade do ensino. Aí os penões acumulam-se em todos os níveis, do primeiro grau às faculdades.

Mas, exigir soluções para deficiências qualitativas da maior seriedade seria muito diante da rotineira alegação aos tormentos da crise nacional — econômica, política e social. Então, não é exagero reclamar ações imediatas capazes de garantir às escolas um funcionamento pelo menos razoável. Sala de aula com quadro-negro e giz; com carteiras em ordem; com a mesa da professora. E esta, mais bem-remunerada, disposta a ensinar de verdade.

Se o País em seu todo não puder atender a itens assim primários, que Brasília se reencontre com as suas origens e dê um passo adiante. Vá ao passado, às concepções básicas de um grande programa educacional, para alterar um presente constrangedor e ter assegurado um futuro melhor.

CORREIO BRASILEIRO